

OBRAS COMPLETAS DE
MÁRIO-HENRIQUE
LEIRIA



INTRODUÇÃO, ORGANIZAÇÃO E NOTAS
DE TANIA MARTUSCELLI

FICÇÃO



Índice

PREFÁCIO	21
--------------------	----

CONTOS

FRAGMENTOS DA MINHA VIDA REAL	27
CONTOS DO GIN-TONIC	29
A verruga	33
Gin sem tônica	35
Livre, cristã e ocidental	37
Carreirismo	41
Jogos olímpicos	42
A estratégia	45
FC, o banho e não só	47
O menino e o caixote	49
Facilidade	51
Discussão	52
Negócios ferroviários	53
Aviso urgente	55
O losango e a serpente	57
Julgamento definitivo	62
Ida sem volta	64
Meu sócia, o general	66

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

Última ceia	75
Xeque-mate	76
Babelite ou Segismondo o Babélico	78
Tropicália	84
Cinegética.	86
Torah	87
Joãozinho volta a casa	88
Intervalo	94
Felina	95
Entre o Tigre e o Eufrates	98
Noivado	100
Desabamento.	101
Sejam bem-vindos.	104
Casamento	106
Regresso	107
Gulodice.	108
Indústria caseira.	110
Maternidade	112
Medicina tropical.	113
A viagem, enfim	114
A velha e as coisas	117
Hitler? Não sei quem é	119
Cegarrega para crianças	123
Surpresa da pesca.	124
A sombra	125
KGB ataca ao entardecer	128
História exemplar	131
O bode imarcecível	133
Questão de terras.	136
O discurso.	138
Jornalismo.	139
Repreensão	141
Explicação.	142
Pôr-do-sol.	145
Profissão é profissão.	147
Shalom e vou-me embora	148

ÍNDICE

O que dizem os teus olhos	151
Engano	152
Cidade	153
Evocação.	158
A perna e os outros	160
Cessar-fogo	162
NOVOS CONTOS DO GIN	176
Visita	177
Reprimenda	179
O molho.	180
Última tentação	181
Rifão quotidiano	182
Jantar de amigos	183
Transferências	185
No próximo ano, em Jerusalém	186
Telefonema.	187
Pedrão calado	188
Calor	190
Retrato de família com boné	192
O sol te espera, América	193
Cada guerra com seu uso....	195
... Cada broca com seu fuso	196
O silêncio é d'ouro	197
Explicação rigorosa	198
Lógica não-aristotélica	199
Amor escreve-se com água.	200
Um pouco de azul.	202
Esclarecimento	204
O isqueiro.	205
O sorriso.	207
Exageros	209
O lápis	210
A caçada	213
A família	214
Querela habitual	216

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

Regressos	217
Remodelações governamentais	223
Comboio rápido	224
Caso zoológico	225
A banana	227
Saudade da infância	229
Mania de perguntas	234
A barragem	235
Parque de campismo	238
Rota determinada	240
Árvores e trumms	244
«No campo da sua ação todo o verbo cria o que afirma».	248
Aliança	249
Curva de Möbius.	254
Coisas da literatura.	257
Eu e o chacal.	259
Educação cívica.	262
Voo de ensaio	264
À cata do vento.	266
Bus stop	268
Comunicado oficial	272
Apenas	273
Teobaldo, o meu amigo.	277
As portas	278
O repouso do guerreiro	280
A praia	281
Anfibiologia	283
Basta!	284
Semântica	288
Contabilidade final.	290
Separata gratuita	291
FÁBULAS DO PRÓXIMO FUTURO	293
Liberdade em segurança	295
Manifestação de apoio	296
Apenas a lua	297

ÍNDICE

A crise económica	298
Um dia na vida de Etelvino	302
Que bom	305
A minha querida pátria.	307
Jogo do botão	309
Rifão de Fernando Tanoeiro	311
Chamada geral.	312
CONTOS EXTRAÍDOS DE DEPOIMENTOS ESCRITOS . . .	315
Hora de fechar.	317
Espanha – três da tarde.	319
Partida para férias.	321
Trabalho nocturno.	323
Espanha – cinco da tarde	326
«Aguenta, rapaz...»	328
CONTOS INÉDITOS E DISPERSOS	333
O prazer do texto	335
Revolução	337
Atentado (Contribuição para um jogo de massacre)	339
Justiça e não só	343
Vamos passear, disse o general...	344
Ilha, quatro da tarde.	345
Às vezes... à quarta-feira.	350
Dignidade	354
O acidente	357
Juízo final	359
Problemas de reacção.	361
Represália	365
Mãos e olhos e gargalhadas e uivos	366
O Ministério indecifrável.	367
Passatempo (no Cais Sodré, como se vê)	368
Sábado à noite.	370
A economia.	372
Comer as rodela de chocolate enquanto fumegam os cachimbos cinzentos...	373

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

Da conveniência de fazer Albertos	375
O sistema	379
A fábula	380
Pequenas fábulas Asiáticas.	381
A frapa	383
Preconceitos da memória	385
Maktub.	388
Um amigo de passagem	390
Apenas uma morte.	392
Solidão total	394
Desagravo para um sorriso esmagado.	395
Não há flores num enterro de terceira.	397
Tempo de assassinos.	400
Código secreto	402
Troia de vez em quando	406
Quando voltou mais cedo para casa...	410
Regresso ao lar	411
Perdi uma ocasião de estar calado	413
A grande festa	414
(Cadáveres <i>exquis</i> com Carlos Calvet)	416
Análise de urinas	418
Preto que nem um arrocho	419
A hora que ainda não é	420
História da pessoa que nós esperamos	421
Rolhas de cortiça, alfinetes de borracha...	422
Uma caixa solitária em pé de guerra...	423
Todas as coisas sujas têm um ar de salvadores...	424
Todos os dias encontro, à porta da loja...	425
Era domingo...	426
Três manequins de veludo...	427
Maquinismo de revolução	428
Projecto para pequenas modificações na Torre de Belém	430
Projecto para uma urbanização irracional do Rossio.	431
Contacto.	432
Quatro ursos do Tirol e o meu tio...	433
Conto neurasténico	434

ÍNDICE

Anti-Provérbio	436
Dobrei a esquina e comecei...	437
Um caso sentimental	439
Eu e a Luiza fizemos uma Viagem-Infinito	445
Verdadeira história da luta entre Maya-Gol e o Velho Amarelo que colecionava Hipotenusas	448
O sr. Prudêncio	451
Sermão VIII – Da verdadeira justiça	454
História conhecida	456
História habitual	458
Os dez mandamentos de Bertrand Russell	460
Colóquios com o Padre Eterno	461
Coelhos	462
Coisas do entusiasmo	464
As férias nunca esquecem	465
História daquela bicicleta que eu tive	469
Invenção dos descobrimentos (Fragmento histórico)	470
A invenção da água	472
Abraçando as pernas como-de-aranha...	474
A vertigem das sombras – Interpretação de um pesadelo.	475
Uma outra forma de viver sei eu que a tenho...	477
Feitiço	479
Noite Africana.	483
Não me sinto nada metafísico.	485
Conto de Natal	486
As viagens formam a juventude	492
Aforismo.	497
O Zaneta e o Marolho	498
O Torvo e a Babosa, não é isso, O Corvo e a Raposa. Pois	500
O Rabana e o Sacicho, perdão, estou sempre a enganar-me. O Sacana e o Rabicho	502
O Rabão e o Gato.	504
O Lobo e o Cordeiro	505
O Capuchinho Vermelho	507
A menina Branca e os Sete Anõezinhos.	509
A Boa Fada, a Menina dos Cabelos Louros e o sapinho encantado	511

MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

A Gata Borracheira.	512
Civismo	513
Era uma vez um caçador que matou um bicho mau.	515
Meus meninos, nunca deem arsénico.	516
Tauromaquia.	517
Conselho de amigo	519
Informe Britânico	520
Amor filial.	521
Por cá também passa o engole-espadas	522
O mágico encanizado	524
Museologia	526
A Senhor Alves	529
Fui ao meu enterro	530
CASOS DE DIREITO GALÁTICO	529
O MUNDO INQUIETANTE DE JOSELA.	567
MÁRIO E ISABEL	593

NOVELA

DIAPASÃO.	625
-------------------	-----

TEATRO E GUIÕES

A Bem da Nação.	687
O Homem e seu Enterro (sainete existencialista)	695
Cena Familiar na Rússia ou Uma Depuração Necessária	698
Eflúvios Roxos ou Roxos Eflúvios	701
Noites Abstémias.	709
(Breves diálogos teatrais)	715
Pedagoa histórica.	717
Metalinguagem ou a Crítica Literária – Acto único	718

ÍNDICE

Eu se Quiser... Não me Ralo	719
5º. Quadro No Futuro (Ano 3.000)	723
Cabina Telefónica	726
Script	730
Projecto para um «Film».	731
Fontes dos manuscritos inéditos e textos dispersos.	733

CARREIRISMO

Após ter surripiado por três vezes a compota da despensa, seu pai admoestou-o.

Depois de ter roubado a caixa do senhor Esteves da mercearia da esquina, seu pai pô-lo na rua.

Voltou passados vinte e dois anos, com chofer fardado.

Era Director Geral das Polícias. Seu pai teve o enfarte.

LIBERDADE EM SEGURANÇA

Os réus entraram. Três. Fardados de azul. De escudo a tiracolo e viseira erguida.

O juiz pôs a touca com um pequeno jeito da mão direita. Afirmou:

— Levante-se o queixoso.

O queixoso estava deitado. Não se levantou.

— Tem alguma coisa a acrescentar quanto à sua arguição contra os réus? — insistiu o juiz, dando outro pequeno jeito na touca.

O queixoso nada disse. Continuava deitado.

— Dada as circunstâncias atenuantes e outras, declaro os três réus inocentes. O queixoso demonstra à saciedade ser provocador. E silencioso. Revolucionário alterante da ordem estabelecida. Destabilizador da liberdade em segurança. Que os réus, absolvidos, se retirem. Em segurança e liberdade.

Os três réus perfilaram-se. Fizeram a continência com a mão direita. E saíram. Pela porta da direita.

Saíram os meirinhos. Pela porta do fundo.

E também o juiz. Já sem touca. Pela porta da frente.

Saíram todos.

O queixoso não. Estava deitado, como já tive oportunidade de informar. Com cinco tiros no baixo-ventre. E morto.

CÓDIGO SECRETO

Tudo começou com a mensagem:

RDIPZTUPFOPK 97 ARINFO8 N POR7XXD Z
CQEADIROITAPZ GUROPT NUVFOIR.NAEDIO975
MO9GU7OO ZE TERMINADO

Respondemos logo:

ZETU ZETU ZE OO TEDZIARP TERMINADO

Houve ainda quem acrescentasse:

BERLUP1

Dada a situação, foi transmitida a ordem de prevenção geral. Prevenção rigorosa, claro, pois entretanto tinha sido recebida a seguinte informação:

TFOLAGU RR 59NULO 77BP KXAXOI FO DASSEE
37 RDIPZTUPFOPK ZE OO TEDZIARP TERMINADO

Fechámos a porta da fortaleza e apresentámo-nos para o que desse e viesse. Não íamos ser apanhados de surpresa, isso é que não.

É evidente que sabíamos que eles se estavam a preparar para a invasão, mas não tínhamos a certeza de onde nem quando. Agora, ali estavam, ao ataque.

O comandante Sezinando ordenou-me que organizasse as barragens. Transmiti logo:

RNULIBRO PP BERLUP! BERLUP! TERMINADO

Começamos a receber apoio. Já não era sem tempo, que diabo! As brigadas de guarda-freios compareceram sem demora, todos sem boné, tal como deve ser. Informaram-nos que já tinham guardado todos os freios. Ficamos mais descansados.

Gutierrez, recém-chegado das manobras espaciais e, por isso mesmo, com larga experiência de contra-ataques, foi delegado para a verificação das barragens e a distribuição de unicórnios. Saiu, rápido, na bicicleta especial reservada aos momentos de acção. Pouco depois comunicava-nos:

ZITRZAROP LL MOUPRONI 8307 GRUNF TERMINADO

Ficamos então com a certeza que a coisa ia.

Nas barragens a actividade era já uma realidade. Tinham sido detidos dois rinocerontes com blindagem antiga mas ainda bastante eficientes, quatro sacos de nêsperas, um unicórnio reaccionário e uma pequena bomba de desfolhamento, motorizada é claro.

Foi então que disse para o sargento Borocrovu:

— Talvez eu consiga obter algumas informações válidas. Quem sabe? Vou investigar.

— Pois vá — concedeu o sargento, acendendo um cigarro enviado pela Liga das Mulheres Patriotas. E permitiu-me o uso do unicórnio do comando.

Montei o unicórnio e fiz tic-tac com a língua. O unicórnio atirou-se para a frente, as portas da fortaleza abriram-se e eu saí, à carga.

Passei a primeira barragem. Mostrei a credencial pendurada na orelha e não houve problema. Segui, sempre à carga.

Após as grandes falésias, a planície surgiu-me, enorme e solitária. Não estava solitária.

As aeronaves reaccionárias tinham desembarcado o seu conteúdo. Uma aglutinação de gentes, silenciosa, avançava. Notei, logo à frente, uma brigada de bispos de báculo atómico, enquadrada por duas secções rigorosamente disciplinadas de arcebispos especiais. Na retaguarda um pequeno grupo e papas blindados, como força de cobertura.

Protegi-me atrás de uma pedra e disse ao unicórnio para ficar calado. E, como me competia, transmiti logo:

ULMAOZP TT FLOMARD PRR PRR PRF TERMINADO

Continuei a observar.

Saindo das aeronaves, desciam ainda os grupos de melros e vinhas. Espantoso! Ordenados, todos de chapéu alto, vejam lá, e bazuca debaixo do braço.

A coisa estava grave. Informei:

LUP LUP LUP GULP TERMINADO

Recebi:

GREUNPF TERMINADO

Repousei um pouco. Estava certo que tudo ia acabar como deve ser.

Então pratiquei a velha tática. O inimigo avançava. Recuei.

Acordei o unicórnio (os unicórnios têm a mania de dormir, seja lá onde for. Que chatice) e atirei-me, sempre à carga, em direcção à fortaleza. Ainda pensei passar pela casa do velho e calmo Uong, mas o tempo urgia.

Passei as barragens. Já me conheciam e segui, sem entraves.

Entreí, de escambolhão, pela fortaleza dentro.

O alferes Benevides perguntou-me o que havia. Conteí-lhe tudo, pois então. E fui dormir.

CONTOS INÉDITOS E DISPERSOS

Parece, entretanto, que chegou um tal Exército Profissional de Proletários e Mocas.

Acabou com tudo, dizem. Não vi. Estava a dormir, já expliquei. No entanto, ainda transmiti essa informação:

TERMINADO POR ENQUANTO TERMINADO

Depois, fui dormir um pouco mais. Com o unicórnio ao lado, claro.

AFORISMO

— Sempre gostei de lidar com os patifes. Os homens honrados é que me assustam — dizia o banqueiro Perez dando o braço ao Josafá, à saída do DRIVE, depois do excelente jantar.

Foi assim que ficou sem a carteira e sem o magnífico relógio de ouro oferecido pela esposa já falecida.

O Josafá era um patife honrado com um senso nato da moralidade bancária.

Fizemos as malas e metemos um bilhete por baixo da porta do doutor Erzog, a pedir-lhe que nos olhasse pelos mamutes durante as férias. Um bom vizinho, o doutor Erzog.

Ainda dormimos um pouco.

Às sete e meia da manhã estávamos no Aeroporto num táxi de dois andares, por causa da bagagem. Apanhámos o foguetão sem pressas arreliantes.

O Abraam fora um bom amigo.

Não há nada como uma amizade sólida e antiga!

VOO DE ENSAIO

Quando, de repente, começou a voar, não se admirou muito. Afinal, fora só dar um pulo e, em seguida, bater com os braços. Realmente, nada de extraordinário.

Ergueu-se no ar, um pouco desajeitado ainda, bateu mais os braços, aumentou de velocidade e dirigiu-se para o olival, bem lá fora da vila. Começava a adaptar-se, a dominar a técnica. Descreveu uma curva elegante, controlando devidamente a batida do braço direito e regozijou-se.

Tentou fazer um looping, mas quase vomitou. Sempre fora atreito a tonturas e isto de ficar de cabeça para baixo era coisa que não lhe convinha. Já na escola lhe acontecia o mesmo, quando fazia ginástica com o tenente Marques.

Planou um pouco, abanando discretamente os braços, perdendo altura em folha-morta.

Tentando razar as oliveiras, seguiu por ali fora, entusiasmadíssimo. Tornou a subir, quase na vertical, num bater de braços imperioso e cheio de vigor. E viu o rebanho, lá em baixo.

Mergulhou, picando ferozmente, como sabia que deviam ter feito os stukas, há muitos anos já.

Mesmo em cima do rebanho desfez o mergulho com um corte rigoroso do braço esquerdo e um inclinar de pés, correcto, exacto. Era o rebanho do Asdrúbal da Praça! E esta!

As ovelhas dispersavam-se em pânico, o cachorrão ladrava à sombra do voador inesperado.

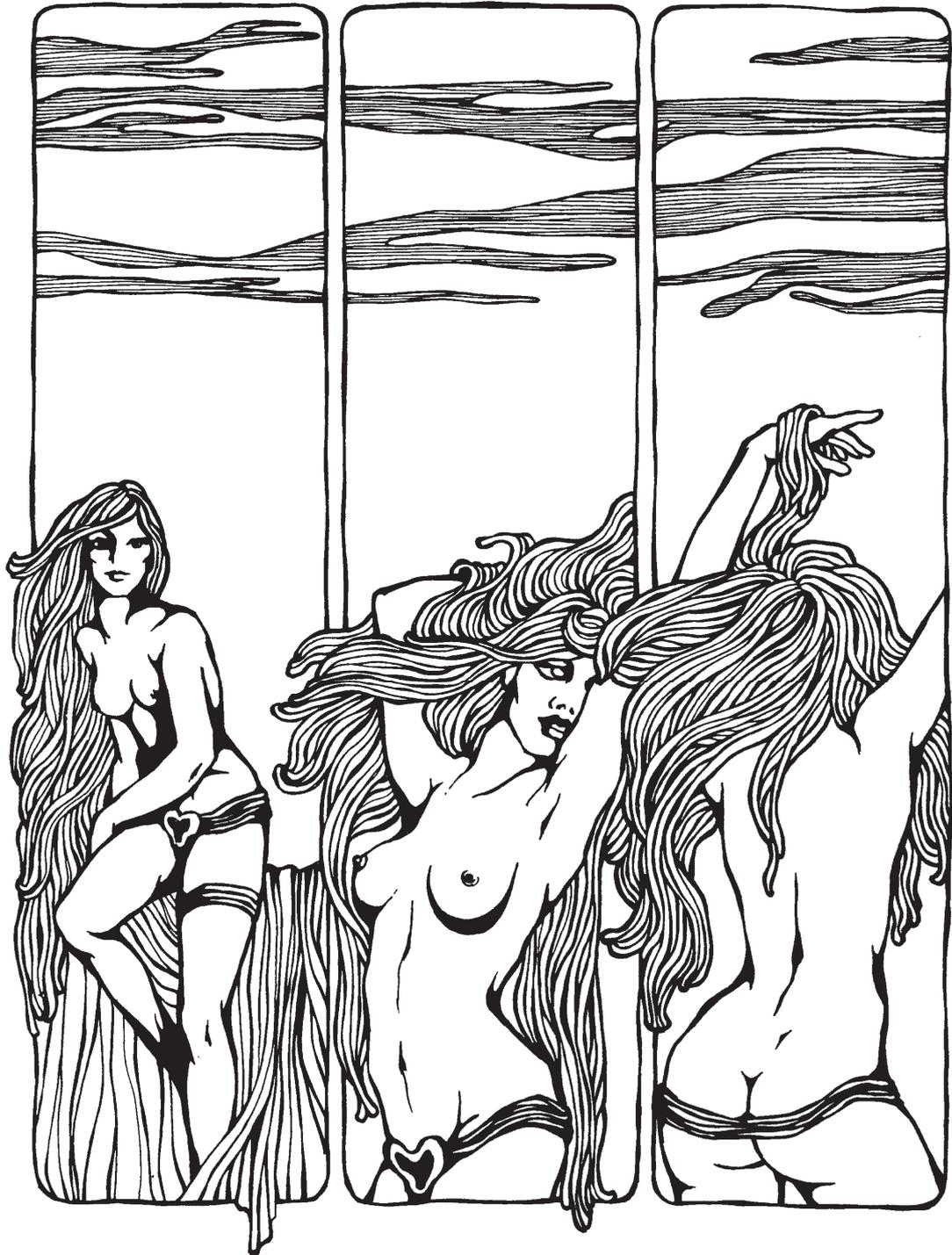
O Asdrúbal, passados os primeiros medos, estava a atirar pedradas com certa eficiência. Por sinal que uma lhe passou ao lado, já inocente, na volta à terra.

Acelerou a saída do mergulho e, descontraído — e um pouco snob, temos que concordar — ficou de novo a planar lá no alto, olhando a planície quente que se perdia na distância e vendo o Asdrúbal e o seu rebanho a irem-se, numa pressa que, ali de cima, lhe parecia um vagar enervante.

Inclinou-se um pouco, descreveu uma curva excelente, impecável, perdeu altura, não muita, e continuou em frente, a olhar as montanhas lá ao longe, batendo os braços, num ritmo que já quase lhe pertencia à respiração. Pam... Pam...

Que diabo é aquilo? — interrogou-se o senhor Reginaldo da Loja Lisboa, com certa preocupação, ao ver um homem caindo lá de cima, cada vez mais rápido.

Depois, enquanto se ia certificar, meteu mais dois cartuchos de 12 na caçadeira. E apalpou o coelho pendurado no cinto.





CAPÍTULO I

— Isto está uma trampa!

Os pincéis voaram pelo ar e foram estatelar-se a um canto do «atelier». Nódoas de várias cores começaram a pingar até ao chão.

Marcus levantou-se e pôs-se a passear agitadamente dum lado para o outro. Atirou um pontapé à caixa de tintas, chegou à janela, cuspiu e ficou a olhar para além do movimento da rua.

— Não, isto assim não pode continuar. Nunca sai nada do que eu quero. Raio de vida. Mais vale ir cavar batatas!

Virou-se para o «modelo» que ainda se encontrava nu, na mesma posição em que pousava:

— Pode-se vestir, Luiza. Hoje não trabalhamos mais, perdi a mão, não há maneira de fazer coisa que preste.

Continuou olhando a rua.

Luiza espreguiçou-se, olhou meio irónica para Marcus, estendeu as longas pernas morenas e meteu-se para trás do biombo de laca que lhe servia de vestiário. Era um magnífico «modelo», elegante, bem proporcionada, cor de bronze velho com qualquer coisa de felino. Pousava para Marcus havia um mês e admirava-se que ele nunca lhe tivesse exigido mais nada a não ser que pousasse. Que diabo! Não era assim tão má como isso! «Modelos» piores, mais mal feitos, com menos interesse, conhecia-os ela e já tinham arranjado belas aventuras com outros pintores. Raio de homem! Parecia de pedra, só queria pintar, pintar e o resto... nada! Safá! Que chatice!

5º. QUADRO NO FUTURO (ANO 3.000)

Personagens

Nº. AX-3-27 (homem)

Nº. DU-43-9 (mulher)

1º. filho

2º. filho ...

3º. filho...¹

Empregado do «Restaurant» e do Correio ...

H – Bom, está na hora do almoço, vou mandar vir o empregado do «Restaurant».

(Toca uma campainha)

Empregado (entrando) – Desculpe vir um pouco atrasado mas, quando recebemos a sua chamada foto-eléctrica o nosso auto-aero-atómico estava desafinado e por isso tive de me demorar mais 3 segundos e 2/10. Mas isto não se repetirá porque saiba que o mecânico já foi castigado com um raio desintegrador que o deixou reduzido a cinzas.

¹ O facto de os três filhos serem listados como personagens indica que a peça está incompleta.

H – Bom, bom deixemo-nos de conversas e vamos lá ver essa lista – (lendo a lista:) Injecção de carne assada; injecção de ovos estrelados, Um! isto hoje está fraco...

Empregado – Se Vossa Excelência me permite, aconselho-lhe esta injecção de frango com arroz que está muito boa. Saiu agora mesmo dos laboratórios. E para aperitivo temos aqui umas pastilhas de Cinzano da casa Simões que são uma competência.

H – Nesse caso venham lá 3 pastilhas de Cinzano e depois duas doses de injecções de frango com arroz.

(O empregado tira duma caixinha 3 pastilhas, que H engole, e em seguida uma seringa que mergulha num frasco).

Empregado – Duas doses, disse Vossa Excelência?

H – Exactamente.

(O empregado enche a seringa duas vezes e dá a injecção no braço).

Empregado – Não desejará Vossa Excelência uma injecção-zinha de banana ou laranja?

H – Não, por hoje nada mais. Ponha na minha conta e guarde o troco.

Empregado – Perfeitamente. Muito boa tarde e muito obrigado a Vossa Excelência. (Sai)

H – (arrotando) – Parece que este frango com arroz me caiu mal no estômago.

(Toca uma campainha e entra um empregado dos Correios)